

MODERNO E REVOLUCIONÁRIO: WALTER BENJAMIN PARA AS FUTURAS GERAÇÕES¹

*Fabio Mascaro QUERIDO**

Professor na Universidade de Oxford, na Inglaterra, Terry Eagleton – ex-aluno de Raymond Williams – é autor de importantes estudos no campo da crítica literária e cultural marxista. Intelectual afinado com seu tempo, que busca enfrentar os desafios contemporâneos, Eagleton orienta-se por uma atitude hermenêutica criativa, aberta às múltiplas influências dos estudos culturais e do marxismo, e, por isso mesmo, propícia às polêmicas intrínsecas a toda reflexão inventiva. Esta perspectiva interpretativa manifesta-se com especial clarividência em **Walter Benjamin: rumo a uma crítica revolucionária**, originalmente publicado em 1981 pela editora Verso, em Londres, e que, finalmente, quase três décadas depois, recebe uma edição brasileira, graças à iniciativa da editora cearense Omni.

Muito além de mais uma exegese erudita da obra do filósofo alemão, a relação de Eagleton com seu objeto detém a marca inelutável de uma opção interpretativa específica: num artifício tipicamente benjaminiano, o intelectual britânico retoma os textos de Benjamin a partir de seus próprios objetivos, desalojando-os do *continuum* cronológico da história. Em suas palavras: “a relação entre o discurso de Benjamin e o meu próprio não é uma de reflexão ou reprodução; é mais uma questão de imbricar as duas linguagens para produzir uma terceira que não pertence inteiramente a nenhum de nós”. Terry Eagleton (2010, p.13-14) não hesita em revelar que o **impulso formativo** do livro é antes político que acadêmico, assim como as razões de fundo de sua redação: “[...] escrevi-o porque considerei que conseguia ver maneiras em que o trabalho de Benjamin poderia ser utilizado para esclarecer alguns problemas importantes que agora confrontam uma crítica revolucionária.” Quais

¹ Resenha da obra: EAGLETON, Terry. **Walter Benjamin: rumo a uma crítica revolucionária**. Fortaleza: OMNI, 2010.

* Doutorando em Sociologia. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas – SP – Brasil. 13083-872 – fabiomascaro@yahoo.com.br

desafios? De um lado: a pressão da crise global capitalista; de outro, a influência de novos temas e forças dentro do socialismo.

À época, o livro distinguia-se da recepção hegemônica de Benjamin sobretudo pela ênfase conferida à dimensão político-revolucionária do pensamento do autor, comumente menosprezada pelas leituras acadêmicas. Ressaltar esta feição eminentemente política de Benjamin era a forma encontrada por Eagleton (2010, p.15) para se contrapor ao “perigo iminente” de que sua obra fosse “[...] apropriada por um establishment crítico que considera seu marxismo como um pecado leve e eventual ou excentricidade tolerável.” Na contramão das leituras apaziguadoras, Eagleton visualiza nesta dimensão política – assentada numa interpretação radical e heterodoxa do marxismo – o núcleo da atualidade de Benjamin.

Apresentando uma interpretação da obra de Benjamin em irresoluta oposição à tendência conformista que parecia estar – e de fato estava – apoderando-se do seu pensamento, Eagleton demonstrou a possibilidade, subestimada até então, de uma releitura dos textos do filósofo alemão capaz de visualizar afinidades onde se acostumou a ver contradição e antinomia. Impressiona, por exemplo, a forma astuciosa como tece um fio comum implícito nos diversos trabalhos de Benjamin a partir da segunda metade da década de 1920: da concepção da alegoria em “A Origem do Drama Barroco Alemão” (1927), passando por seus textos em defesa de Brecht, pelos trabalhos sobre Baudelaire e as “Passagens” até as suas reflexões originais sobre a história. Na análise da alegoria barroca, encontravam-se aspectos que seriam mais tarde desenvolvidos em ensaios posteriores de Benjamin, até seu suicídio em 1940, sob a iminente captura nazista, na fronteira franco-espanhola. Percorrer alguns momentos centrais deste trajeto intelectual e político é precisamente o objetivo da primeira parte do livro, cujos três capítulos (“A alegoria barroca”; “Aura e mercadoria” e “História, tradição e revolução”) manifestam uma leitura original de Benjamin, relacionando-o ora aos debates da crítica literária (e da literatura) inglesa ora aos problemas teóricos contemporâneos.

Nas alegorias do drama barroco, Benjamin vislumbrou a possibilidade de uma nova **representação** da vida social moderna, que reconhece a **fratura** entre materialidade e sentido, entre ser e significação, e, ao mesmo tempo, penetra-a ao ponto de torná-la matéria de sua própria ressignificação alegórica, rechaçando toda pressuposição de uma harmonia pré-estabelecida. Em contraposição à harmonia do símbolo, as alegorias resistem à tentativa de forjar uma totalidade idealizada por uma construção teórica sistemática; como diz Eagleton (2010, p.39), “[...] o alegorista é espontaneamente anti-hegeliano: a ‘essência’, ao invés de esconder-se por trás do objeto como seu segredo reprimido, é arrastada para o conhecimento público, perseguida até o *status* impudente de uma legenda”.

Desde um presente caracterizado, entre outras coisas, pelo declínio da **aura**, o alegorista dá voz a uma espécie de **totalização** plural, na qual se proclama a necessidade do olhar melancólico-alegórico a fim de salvar os objetos de seu poder petrificado sobre os homens, na linha já aberta pelos surrealistas. Os cacos da história são, assim, libertados do poder fantasmagórico da mercadoria, reabrindo a possibilidade de sua rememoração revolucionária. A alegoria, tal como a história, constitui, para Benjamin, simultaneamente uma forma de destruição e de construção, que não teme expor seus próprios fundamentos e mecanismos precários. Nos dois casos, é sempre o presente o polarizador histórico por excelência, momento de seleção dos possíveis a partir do qual o passado é reelaborado.

No entanto, com esta postura, Benjamin não estava simplesmente antecipando, *avant la lettre*, o “sequestro fatal do sentido histórico” (EAGLETON, 2010, p.68) que proliferou na academia a partir dos anos de 1970. Ao contrário de Nietzsche ou de Michel Foucault, com o qual seu pensamento é frequentemente relacionado, Benjamin não efetua uma identificação apressada entre história e historicismo, e tampouco atribui a toda continuidade a condição de metafísica; ao destruir o *continuum* da história, seu pensamento dialético “[...] não explode por meio disto todas as continuidades junto com ele.” Aos olhos do filósofo alemão – segundo as palavras certeiras de Terry Eagleton (2010, p.73) – “[...] a história não é simplesmente um constructo teórico, mas político também [...], envolvendo um interesse emancipatório de proporções que a ‘arqueologia’ dos dias atuais (1981) só pode crer ingênuas.”

Como demonstra muito bem o autor na primeira parte do livro, a originalidade de Benjamin situa-se não na manipulação inescrupulosa do passado pelo presente, senão em sua concepção herética da tradição, cujas crises e interrupções, ao quebrarem a temporalidade homogênea das classes dominantes, são resgatadas em sua constelação com o presente, como uma lembrança que lampeja num momento de perigo. A construção desta tradição dos oprimidos é tarefa dos intelectuais e militantes do presente, que lançam mão de um trabalho de escavação dos acontecimentos do passado de modo a libertá-los do conformismo que condiciona todo tipo de tradicionalismos. Elaborada pela prática político-cultural dos oprimidos do presente, a recuperação da tradição viola, portanto, a história como conjunto bruto de fatos concebida pelo historicismo ou pelo positivismo.

Terry Eagleton logra se aproximar, a partir desta leitura, da dimensão politicamente radical do marxismo heterodoxo de Benjamin, no espectro da tradição teórica – marxista-ocidental – à qual pertence. É o que realiza na segunda parte do livro: “Rumo a uma crítica revolucionária”. Composta por seis (6) ensaios relativamente independentes, a segunda parte amplia o horizonte temático da reflexão, recuperando de forma original (embora polêmica, por certo) debates que

remontam às origens da tentativa de se pensar uma “estética marxista”, em seus vínculos contraditórios com a política revolucionária – à medida que, no limite, “[...] o problema de uma ‘estética marxista’ é, acima de tudo, o problema da política marxista” (EAGLETON, 2010, p.109). Benjamin passa, então, a ser visualizado em seus pontos de contato e de tensão com outros teóricos marxistas da cultura como Brecht, Lukács, Bakhtin e até mesmo Trotsky – cujos “paralelismos” e afinidades políticas e culturais com Benjamin “ainda estão para ser seriamente estudados” (EAGLETON, 2010, p.192).

É na segunda parte do livro, igualmente, que vemos manifestar-se com maior nitidez a escrita singular de Terry Eagleton, a qual é responsável pela organização de um novo (e ainda em construção) diagnóstico de época, para cuja elaboração não pode faltar um retorno criativo às tradições – clássicas ou heréticas – do pensamento revolucionário. Muito além de um gesto nostálgico, este retorno ao passado ocorre à luz dos desafios do presente. No enfrentamento a estes dilemas contemporâneos, Eagleton atinge o seu ápice performático com a ironia ora ácida, ora aparentemente elegante, através da qual desfere suas críticas ao radicalismo apavorante (e, no entanto, benevolente) dos arautos do pós-modernismo em geral, e da desconstrução em particular. Não é por acaso, então, que ele proponha – num interessante diálogo com Bakhtin e com o Marx d’*O 18 Brumário* – a recuperação da dimensão subversiva do humor filosófico, submergida pela melancolia pessimista dos marxistas ocidentais, da qual Benjamin foi apenas a expressão mais trágica.

Nesta empreitada crítica, mobilizada por Eagleton, o **marxismo idiossincrático** de Walter Benjamin pode ter muito a contribuir, desde que submetido ao crivo crítico do nosso **tenpo-de-agora**. Pois bem: é justamente aqui, no momento em que manifesta suas opções interpretativas, que vem à tona os aspectos mais polêmicos da obra. A insistência na ideia de que, em Benjamin, os híbridos entre materialismo e idealismo atingem sua forma mais dramática, se, por um lado, revela uma ambivalência concreta da obra do filósofo alemão, recai, por outro, numa distinção (materialismo e idealismo) que o marxismo singular de Benjamin já tentara escapar. Ao designar Benjamin como um “modernista que mistura elementos de materialismo e de idealismo”, Eagleton repõe sob novas formas a imagem de um Benjamin contraditório e dilacerado por influências múltiplas, restando ao intérprete, então, o recorte considerado mais adequado. E a sua opção é nítida: a ênfase na proximidade teórico-intelectual de Benjamin com o modernismo de Brecht coincide com certo deslocamento da dimensão romântica e messiânica da obra do filósofo alemão. Para Eagleton, é como se esta reconciliação parcial com a modernidade – abrandando sua face romântico-libertária – fosse condição necessária para demarcar a inscrição política e marxista do seu pensamento.

Nos dias atuais, porém, em face de uma verdadeira crise da civilização capitalista-moderna, a atualidade da perspectiva política de Benjamin não é contraditória com a dimensão romântico-messiânica que marcou seu pensamento desde a juventude. Ao contrário: esta dimensão parece ser uma das razões da originalidade da crítica de Walter Benjamin à modernidade burguesa, livrando-o desde sempre de qualquer compromisso com o culto moderno do progresso. Reside aí sua renovada atualidade, num momento em que o progresso da civilização capitalista coloca na ordem do dia seus aspectos mais destrutivos. Nestas condições, o caráter radical do marxismo de Benjamin decorre não do descarte tardio de um legado da juventude, mas sim da rearticulação desta herança a partir de uma apropriação inventiva da tradição revolucionária do passado, que deve ajudar o difícil trabalho de despertar do presente. Reconhecer a importância desta dimensão do pensamento de Benjamin talvez seja a melhor maneira, hoje, de arrancá-lo do conformismo e do *continuum* histórico, “a fim de que possa fertilizar o presente”, como diz o próprio Eagleton no final do livro (EAGLETON, 2010, p.199).

Referência

EAGLETON, T. **Walter Benjamin**: rumo a uma crítica revolucionária. Fortaleza: OMNI, 2010.

Recebido em 02/12/11

Aprovado em 02/04/11

